

Julho registra maior queda de preços desde 1980

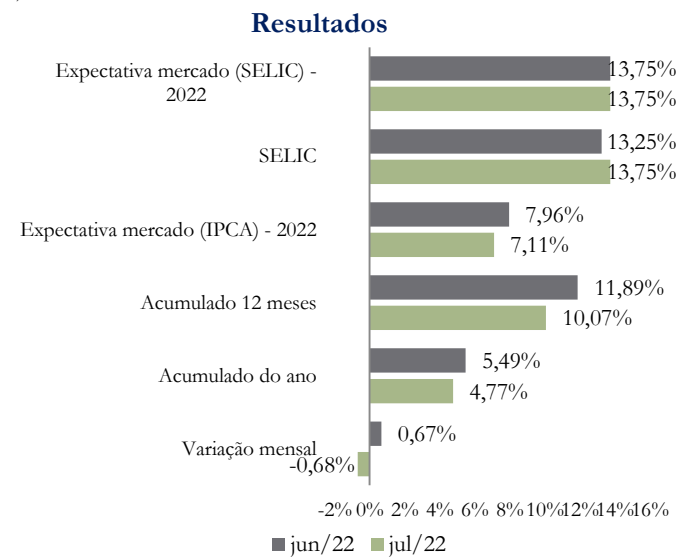
A inflação oficial do país, medida pelo Índice Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), **registrou a maior queda desde o início da série histórica em 1980 em julho, ao retroceder 0,68%**, após alta de 0,67% no mês anterior. Em 42 anos que o IPCA é mensurado pelo IBGE, somente, em 14 meses foram registrados inflação negativa.

O período de maior trajetória negativa dos preços foi observado em 1998, entre os meses de julho a setembro. Apesar de o resultado ser importante para conter a escalada dos preços, nota-se que é uma situação pontual, impulsionada majoritariamente por dois grupos de produtos, transporte e habitação. Assim, não se configura como um período de deflação, pois a queda é momentânea e não é generalizada.

Diante disso, o quadro atual é observado como uma desinflação, quando o ritmo de crescimento dos preços reduz. O movimento de desaceleração dos preços ocorre desde que o IPCA sofreu choques de ofertas nos meses de fevereiro e março de 2022 ocasionados, especialmente, pela Guerra entre Rússia e Ucrânia. Entre janeiro e março, o IPCA acumulado foi de 3,2%, já no segundo trimestre a elevação dos preços foi de 2,2%.

O resultado do mês foi influenciado, sobretudo, pela limitação de cobrança do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) quando incidente sobre bens e serviços relacionados aos combustíveis, ao gás natural, à energia elétrica, às comunicações e

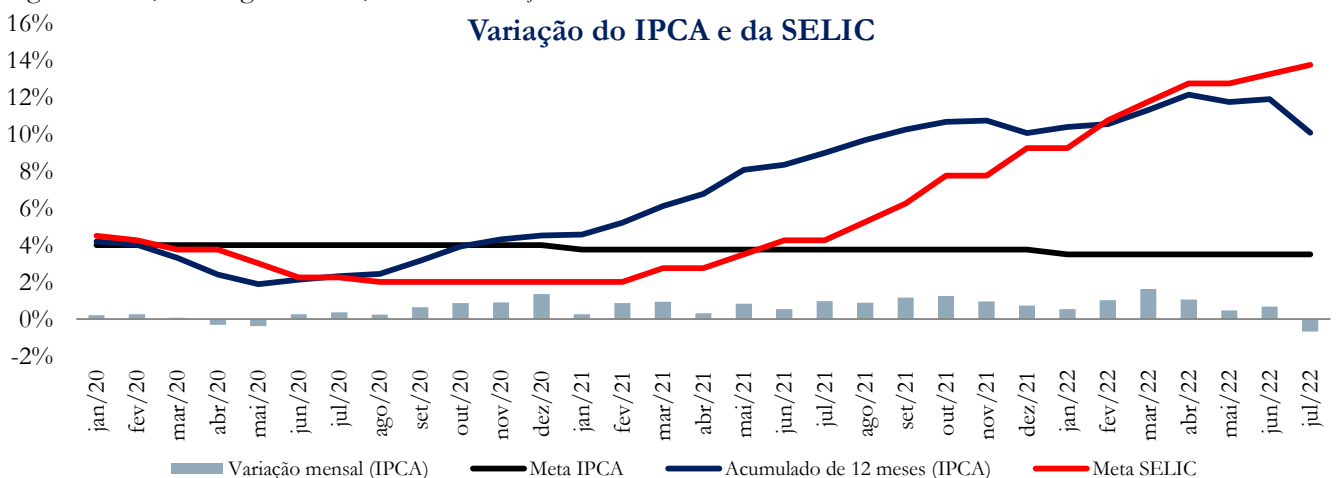
ao transporte coletivo, sancionada no último mês de junho.



Fonte: IBGE e BACEN

No acumulado de 12 meses, o IPCA ficou em 10,07%, abaixo dos 11,89% do mês anterior, inclusive, é o maior resultado desde 2004 na comparação de igual período dos anos anteriores, quando o índice estava em 15,43%. **No ano, o indicador registra variação positiva de 4,77%**.

Ambos os resultados, ano e em 12 meses, superam meta da inflação para 2022, conforme ocorreu no ano passado. A meta definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) para o ano corrente é de 3,5%, mas com margem de tolerância de 1,5 pontos percentuais, para mais ou para menos.



Fonte: IBGE e BACEN

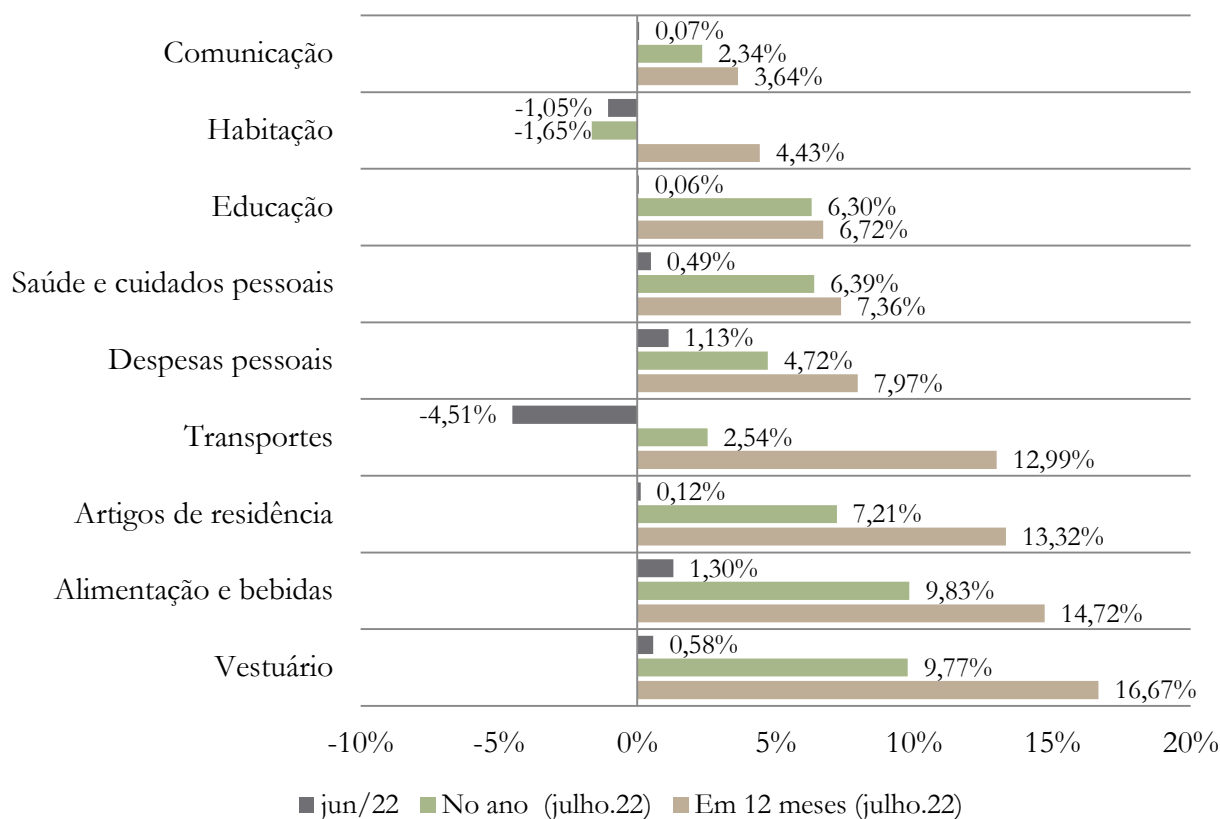
A manutenção da redução dos preços é incerta devido aos riscos existentes no segundo semestre, como a

volatilidade com o período eleitoral, a manutenção da guerra entre Rússia e Ucrânia e seus desdobramentos, a elevação das taxas de juros de países desenvolvidos, que tende a reduzir a entrada de dólares no país, e por consequência, desvalorizar o real. Ainda, às políticas de auxílio de complementação à renda aprovadas, que ampliam o consumo, e retardam o processo dos efeitos da elevação da SELIC.

Em julho, dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados pelo IBGE, sete deles sofreram alta e dois apresentaram queda diante do mês anterior. Embora a quantidade dos grupos com alta seja a maioria, nota-se que cinco desses grupos as taxas foram menos intensas que o mês de julho, condição que reforça a desaceleração da inflação para certos produtos.

A principal alta ocorreu no grupo de alimentos e bebidas, variando de 0,8% para 1,3%. O resultado deve-se à alimentação no domicílio, que saltou de 0,63% em junho para 1,47% neste mês. Do lado das quedas, o grupo de transporte reduziu 4,51%, antes alta de 0,57%, impulsionado pela queda de 14,15% no preço dos combustíveis. Ainda, houve redução no grupo de habitação, passando de 0,41% para -1,05%, resultado que está relacionado a queda de 5,78% da energia elétrica.

IPCA por agrupamento



Fonte: IBGE

Por fim, as principais desacelerações no crescimento dos preços ocorreram nos grupos de vestuário e do grupo de saúde e cuidados pessoais, ambos tinham liderado as altas no mês anterior. O ritmo do avanço dos preços de vestuário saiu de 1,67% para 0,58%, já a saúde e cuidados pessoais teve alta de 0,49%, antes crescimento de 1,24%.